



O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 28 de Junho de 1980 * Ano XXXVII — N.º 947 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

II CONGRESSO das Instituições particulares de Assistência

Aconteceu no Porto 75 anos depois do primeiro e em contexto social semelhante e com idêntica motivação: Afirmar com simplicidade, mas com determinação, o seu papel preponderante na insuficiente cobertura de necessidades essenciais da parte mais débil do Povo português: os Pobres, os Doentes, os sem-família desde a infância à velhice, passando pelos Jovens sem apoio para um rumo de vida estável e realizadora.

Há um passado, secular para algumas Instituições, sem descontinuidade no presente, que autoriza e justifica a voz activa a que têm direito estas Instituições no sector da hoje chamada Segurança Social. Só num passado mais recente os Estados começaram a assumir deveres neste campo e a empreender iniciativas; e nem mesmo assim se atingiu uma situação de equilíbrio entre os problemas e as respostas adequadas. Estas são ainda largamente deficitárias. As carências de habitação, o quase total abandono à sua sorte dos deficientes físicos e mentais e dos incuráveis de outros males — basta como exemplo e demonstração da necessidade de todos os esforços. E ainda

assim, quando se alcançará o dito equilíbrio?!

Urgente é a conjugação das forças, para que se não perca rendimento nem se atrase um processo que tão vagarosamente tem caminhado para a sua meta. E esta conjugação não é possível sem diálogo, sem confiança e respeito mútuos, a fundamentar e fortalecer a contribuição de cada um para o projecto de todos. Não há lugar para o ciúme. Não há razão para batota. O jogo não é de competição mas de complementaridade e suplência. A designação de «parceiros» exprime correctamente a relação que entre todos deve existir. Não é favor nem acidente de oportunidade; é a inteligência de servir o melhor possível aqueles de quem a parte mais sã da comunidade é devedora; é o procurar na eficiência de alguns o contrapeso capaz de levar as deficiências de muitos ao ponto de equilíbrio social que é a suficiência de todos.

Foi este o objectivo que sinceramente se perseguiu no Congresso e se deseja prosseguir na União de Instituições que dele saiu e vai agora tentar os seus primeiros passos.

Que o Bem-Comum, em que

AQUI, LISBOA!

«A fauna da pedincha profissional é exuberante e criadora nos meios que emprega a pedir.» (Pai Américo)

Urge a criação real e efectiva das anunciadas equipas móveis para a detecção de casos de mendicidade, particularmente no que concerne às crianças. Sobretudo nos grandes centros e, naturalmente, em Lisboa, o problema assume proporções gigantescas.

Uns dias passados no Norte do País permitiram-nos constatar da universalidade da questão enunciada. Nos cafés, nas ruas e, em geral, nos locais de grande movimento, os decepados, os coxos, os paralíticos, os velhos e as crianças aparecem por todo o lado a pedir. Por princípio não damos esmolas nas ruas, embora sejamos, com frequência, tentados a fazê-lo. Em Lisboa, porém, como temos aqui assinalado amiúde, as coisas atingem o zénite. Se as tais equipas móveis existem já, ainda não demos conta delas.

Dum jornal diário, de há dias, recolhemos, sob o título «Aliciava menores à mendicidade»: «Uma velhota, de no-

todo o cidadão válido e digno de cidadania é um comprometido e com maioria de razão os responsáveis pela coisa-pública, seja um polo de unidade no querer e no agir em prol de uma sociedade mais justa.

Padre Carlos

me X, ex-prostituta, aliciava menores a fugir de casa da família e colocava-os a exercer a mendicidade em vários pontos de Lisboa, especialmente nas zonas do Rossio e das Avenidas Novas. Para os conservar nessa actividade, repartia com eles as receitas, facto que mais favorecia a desmoralização das crianças. Foi ela também quem desencaminhou uma menina de quatro anos (já recuperada) com a qual explorava a caridade pública».

Longe de nós menosprezar as carências ou dificuldades porque passa muito boa gente. O teor da nossa vida, para lá das suas limitações, eliminará,

à partida, qualquer veleidade de suspeita. O que não restam dúvidas, porém, é que há necessidade de actuar em conformidade. Das duas uma: ou se trata de situações autênticas, de pessoas em dificuldade, precisando de resposta imediata, ou, então, de verdadeira exploração, a pedirem medidas em conformidade.

Os traumas e os hábitos contraídos por muitas crianças habituadas à pedincha, com sevícias e exigências de quantitativos mais ou menos elevados por parte dos adultos, são os responsáveis por muitos fracassos ou desvios na edu-

Cont. na 4.ª página

Malanje

● Vigília Pascal na velha capela de terra e capim da aldeia de Cacolo: uma hora de confissões, depois cânticos e leituras. Catequista Romeu explica tudo ao povo e faz as leituras em kimbundo. Rostos ansiosos. Olhares ávidos à procura de qualquer coisa que, tenho impressão, não conseguem apanhar. O meu olhar se cruza com os olhos que brilham à luz das velas. Lá fora, o escuro e os luzeiros trémulos e carinhosos das estrelas. O ofertório rompe em explosão de canto e ritmo de seis belas raparigas... Olhos, boca e nas mãos que falam — o pão, o vinho e as ofertas. A terra está pronta. É pronta a Mensagem. Conhece o Senhor o segredo dos frutos.

● Depois, ainda com o fogo da Ressurreição dentro do peito, cheguei ao Lombe. Eram 21 h. Os meus companheiros desceram do carro e preparava o arranque para a Carianga. No vidro, rente ao meu rosto, surgiu um rosto conhecido — mas não adivinhei de quem. Uns olhos meigos e tranquilos. A boca enérgica. A testa nobre... Abri. Um fapla: «Que tinha uns sacos com bombom e farinha à beira da estrada... que lhes levasse à estação».

— «Sabe, choveu muito, tenho receio de ficar enterrado» — escusei-me. — «Amanhã virei às oito e levarei os sacos».

Ele cheio de calma, sem azedume, que sim. Toda a noite aquele rosto!

Às oito já estava no Lombe para a Missa do dia de Páscoa. Corri todos os cantos à procura do fapla e dos seus sacos. Ninguém tinha visto.

Chovia. O meu coração ficou mais triste e escuro que a manhã de chuva. Era o Senhor!

Quem me dera ver outra vez aquele rosto...

Perdi o momento feliz e único de o levar a meu lado.

Muita atenção! Pois na próxima, Ele me pode aparecer vestido de palhaço de circo.

Padre Telmo



A hora de educação física é uma alegria para os «Batinhas» de Paço de Sousa.

PELAS CASAS DO GAIATO

Lar de Coimbra

ESCUTISMO — Fez anos no passado dia 1 que o Grupo de Escuteiros de Santo António dos Olivais existe e, aproveitando este seu grande dia, inauguraram a sua nova sede onde era o nosso antigo Lar.

O Escutismo, como instituição dedicada principalmente aos jovens, merece toda a nossa consideração e apoio.

Foi uma grande festa e para este fim cedemos a nossa Casa, onde teve lugar um grande almoço e um grande convívio na nossa sala de jogos. A respectiva celebração da Eucaristia teve lugar na nova sede, onde tomou parte o sr. Bispo desta Diocese e o chefe do Escutismo que, no final, fez um valioso discurso acerca do Escutismo e da sua importância no País.

As 17,30 horas partiram muito agradecidos pelo carinho recebido no convívio e pela atenção que lhes prestámos emprestando a Casa.

ANO ESCOLAR — Por enquanto terminaram as aulas para mim, para o Guido, Chico, Adelino e o Afonso que tem um exame no dia 20, a Biologia. Todos temos esperanças em passar, à excepção do Chico Zé que com a sua certeza diz que já está «chumbado».

Estão prestes a terminar, também, as aulas do Ciclo Preparatório. Os alunos do 2.º ano andam em exames. Queira Deus tenham corrido bem. É possível que, quando O GAIATO chegar à mão do caro leitor, já saibamos os resultados com a devida certeza, mas por enquanto é tudo quanto sabemos a este respeito.

Carlitos

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — Quase todos os anos o nosso milho recebia o adubo depois de devastado. Este ano, porque choveu na altura e para aproveitarmos a chuva, resolvemos pôr o adubo antes da devastação do milho para que este, ao ser devastado, ficasse já tratadinho. Para este fim consumiu todo o milheiral 350 Kg (7 sacos de 50 Kg) de Nitrolusal.

Foi este o trabalho ocupativo do após «Dia de Camões» até à tarde, com um grupo de 15 rapazes sobre o qual Manelzinho exercia a sua autoridade moral e física. A tarefa de pôr estacas nos tomateiros coube-me a mim, ao Guido, ao Chiquito-Zé e ao Adelino, devido às nossas aulas terem acabado mais cedo que as do Ciclo Preparatório e as do 11.º ano de escolaridade.

Também o Lucas, com um grupinho pequeno, dedicou-se a pôr estacas nos feijoeiros para que tenham onde trepar e crescer normalmente.

DIA DE CAMÕES E DAS COMUNIDADES — O dia do maior poeta português de todos os tempos foi ocupado com o nosso trabalho da parte da manhã e de tarde vimos

televisão, jogámos matreco e jogámos à bola; em suma, foi uma tarde muito divertida. À noite tivemos um jantar-merenda melhorado e como convidados os nossos grandes amigos que se oferecem sempre com os seus carros e a sua boa vontade para nos levarem às Festas. O serão foi ocupado com os «Jogos sem Fronteiras».

CORTEJO — Realizou-se, no passado dia 8, mais um cortejo a favor dos Bombeiros Voluntários de Miranda do Corvo. Como o próprio nome indica, os Bombeiros Voluntários não são um corpo pertencente ao Estado e, conseqüentemente, tudo o que eles adquirem (ambulâncias, carros, etc.) é fruto da população e arrabaldes, através de ofertas e boa vontade e disposição dos próprios bombeiros.

Por volta das 3,30 horas da tarde, grandes bichas de carros, camionetas e tractores enfeitados com flores e com as suas ofertas inundaram as ruas mirandenses.

O cortejo iniciou-se normalmente com a actuação da Fanfara Lousanense em primeiro lugar e, seguidamente, o cortejo dos carros enfeitados de Miranda e suas freguesias, dentro do qual não deixámos de marcar presença com os nossos dois tractores enfeitados; o pequeno com a oferta e com os mais pequenitos e o grande com os médios a cantar e a alegrar o cortejo da nossa parte.

As ofertas foram muito variadas; desde tractoradas e camionetadas de areia e madeira, mercearia, até 700 contos em dinheiro.

Nós, os gaiatos, comendo e vivendo do suor do nosso rosto, não deixámos de levar a nossa pequena oferta (que recebeu muitas palmas e aplausos) compondo-se da receita em dinheiro que apurámos na Festa desta localidade, no passado dia 27 de Abril, e parte da grande ceia oferecida na Festa de Anadia, na véspera deste cortejo, que os nossos mais velhinhos, que já ganham, compraram e que trouxemos para Casa e com a qual fizemos uma grande festa.

Carlitos

Paço de Sousa

CONVÍVIO DESPORTIVO — Realizou-se em nossa Casa, no dia 15, domingo, um convívio desportivo de futebol e andebol.

Ambos os jogos se efectuaram da parte de manhã. Quanto a futebol a nossa equipa defrontou uma da F. D. T. em que saiu vencedora por 5-1. O jogo correu na maior calma e alegria.

Terminado o futebol, houve andebol. A equipa visitante era constituída por raparigas, que defrontaram os rapazes da nossa Casa. No final do encontro, o resultado não foi além do empate a 2. Depois, os rapazes que faziam parte da equipa de futebol e de andebol, almoçaram com os elementos das equipas visitantes e casais da Casa do Gaiato.

Um domingo bem passado. Tudo correu da melhor maneira.

ÉGUA — Cá em Casa, temos uma égua. Todos gostam de andar mon-

tados nela. O «Caneco», aos fins-de-semana, dá sempre o seu passeio. Mas para a montada falta uma sela completa. Só temos o freio... O «Duque», que cavalgou a égua, não conseguiu sentar-se e, ao passar por um ferro de uma ramada, rachou a cabeça... Pois bem, um nosso amigo que tenha cavalos e tenha uma sela completa, nem que seja um pouco velha, ficaríamos contentes se nos oferecesse o aparelho. Obrigados.

FESTIVAL DESPORTIVO — Em nossa Casa realizou-se mais um festival desportivo, só para os rapazes da Casa, em que participaram as seguintes modalidades: Damas, Ténis de mesa, Atletismo e Natação.

Nas damas saiu vencedor o «Régua», 2.º «Faneca» e 3.º «Duque». No Ténis de mesa: 1.º lugar «Campanera», 2.º «Rebuçados», 3.º Mário Veloso.

Atletismo — prova dos 400m: 1.º F. Natário, 2.º Alexandre, 3.º Carlinhos. Na Prova de 800m: 1.º «Flora», 2.º Eduardo, 3.º C. Morais. Na Prova dos 5.000 m: 1.º Ulisses, 2.º Mendão, 3.º Henrique. Finalmente, na Prova dos 8.000 m: 1.º Ulisses, 2.º Henrique e 3.º Mendão.

Natação — Prova dos 50 m: 1.º Janota, 2.º «Zig-Zag» e 3.º Ferreirinha. Nos 75 m: 1.º Ludgero, 2.º «Zé Galegos» e 3.º Rocha. Nos 100 m livres: 1.º Humberto, 2.º «Xabregas» e 3.º Mendão. Nos 100 m estilos: 1.º Humberto, 2.º François e 3.º «Faneca».

Correu tudo bem. Acho que os habituais vencedores estavam em forma.

«Salsichas»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● O recoveiro dos Pobres, limitado como é, infelizmente não pode ser tudo para todos. De uma maneira geral, a sua acção tem necessariamente de se desenvolver nos tempos livres.

Isto vem a propósito de um deficiente que sofre outro enfarte, pros-trando-o definitivamente.

O pobre homem, no entanto, como feliz ocupante de uma moradia do Património dos Pobres, gostaria de não abandonar mas terminar a vida em sua casa — como um santuário. Nem haveria hipótese de ser acolhido no hospital, que é para curar e não para dar guarida a incuráveis, solitários ou abandonados. À cruzada de Pai Américo — «ao lado de cada hospital o seu pequenino Calvário» — os responsáveis pela Assistência hospitalar ainda fazem orlhas moucas! Quem está bem, nem sempre lhe interessa o bem dos Outros.

Ele é só... Faz tudo na cama. Como solucionar o problema?!

Perante as dúvidas e interrogações do recoveiro dos Pobres, um casal de samaritanos, porta a porta, já, com os filhos criados, dão as mãos — na linha do Evangelho — e oferecem seus préstimos ao vicentino para tratar do nosso Amigo.

— V. estejam descansados. Nós tratamos dele.

Que desvelo, santo Deus!

Não lhes faltamos com nada, é evidente. Temos, inclusive, de forçar o casal a receber aquilo a que tem direito! É uma família de magros recursos...

Até neste aspecto, nos dias que correm em que o egoísmo é moeda corrente, até neste aspecto eles dão uma lição de disponibilidade cristã.

Sublinhamos a lição com o coração nas mãos, pois o recoveiro dos Pobres nem sempre encontra, no seu percurso, colaborações idênticas.

● No cimo daquele monte enchemos os pulmões de vida! Os nossos olhos pecadores extasiavam-se com a beleza da paisagem que Deus oferece.

Em tempos, abarracou ali uma família por não encontrar poiso noutro lado. Um dia, porém, fomos até lá. Diagnosticámos e procurámos solucionar as carências daquela gente. E a barraca dá lugar a uma casa, que o engenho e arte transformam em «sanatório».

O chefe da família trabalhou algum tempo como mineiro e contraiu silicose. Bem precisa de sanatório...

Enquanto a família é promovida — num esforço conjunto em que intervêm os nossos leitores — o mineiro consegue, finalmente, a magra pensão de reforma, que, junto ao salário eventual da mulher — como jornalista — dão uma certa independência económica.

Eles dispensaram, oportunamente, a nossa acção supletiva. Ao longo dos anos, a quantos tem acontecido o mesmo, graças a Deus! É o nosso objectivo. Entretanto, por linhas tracejadas, o nosso Amigo sabe que, agora, teria direito ao suplemento de pensão, como silicótico. Aparece. Com uma respiração tão difícil! Senta-se num mocho. E revela a pretensão. Aconselhamo-lo a seguir as instruções oficiais: obter uma declaração da empresa mineira — onde exerceu actividade — e outra do Sindicato.

A empresa esclarece que não pode fornecer o documento, por não dispor dos elementos necessários e o Sindicato já não existe. O nosso Amigo tenta abordar os ocupantes da mina para recolher a necessária declaração. Anda por lá com tremendo sacrifício — e nada! Então, manda uma exposição à Caixa — requerendo o suplemento de pensão — ainda que, como disse, não possa «provar documentalmente, mas de facto, e por testemunhas, em como exerci actividade no interior das minas». A carta finda com matéria pertinente: «Em face da estrangulação apontada, e como a Lei me concede um direito que não usufruo, por circunstâncias a que sou alheio, haverá, com certeza, nos V/ regulamentos, algo que supra esta anomalia. Porque a Lei não pode — nem deve — ser tão iníqua, tratando-se, como se trata, de um benefício que alivia uma injustiça social...»

PARTILHA — Rua da Lapa, Lisboa, 200\$00. P. M., de Coimbra, «uma pequenina oferta de 500\$00 com as desculpas de ser tão pouco». Delicadeza cristã! O mesmo da assinante 13329, do Porto. Ainda da

cidade Invicta, «as migalhinhas de Maio e Junho para os nossos Irmãos». Quatro vezes mais de Coimbra, «por alma de meus Pais». De quem pede orações «por alma de José Coimbra Sampaio»: 5.000\$00. «Uma portuense qualquer» manda um abraço amigo, que retribuimos, e «a migalhinha relativa ao mês de Maio, em favor dos Irmãos carecidos de ajuda de toda a espécie». Diz muito bem! Um vale de correio da Covilhã, por um feliz aniversário, pedindo «uma oração em acção de graças». Exactamente, temos de dar graças a Deus — Senhor da Vida. Rua Firmeza, Porto, a «pequena importância de 300\$00 para beneficiar dois velhos casais».

Oliveira do Douro:

«Incluo o cheque de 500\$00 para a Conferência e agradeço o anonimato habitual».

Ouso pedir uma oração ao Céu para que Deus desperte em todos nós uma vontade bem forte de aproveitar da melhor maneira o tempo que passa, e assim o nosso Irmão veja que Deus existe e que o Seu Amor nos ampara sempre nos bons e maus momentos.»

É uma presença salutar.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Setúbal

CONVÍVIO — Vieram passar conosco o dia os «Convivas» de Setúbal. É um grupo de jovens organizados do qual alguns dos nossos fazem parte. Reúnem semanalmente para se encorajarem mutuamente. Jovens a transbordar de alegria. Jovens que podem testemunhar de quanto é salutar a vivência no Bem, na doação aos Outros. É uma esperança que vai frutificando nesta zona como noutras.

Estes «Convivas», mais outros que se lhes venham juntar através dos anos, podem ser o Farol sempre aceso duma Igreja actuante. Novos pescadores, capazes de insistirem no lançamento das redes. É tão bom, nesta época, a gente ver os jovens a preocuparem-se com as coisas interiores!... Vivam os «Convivas» de Setúbal. Vivam todos os «Convivas». E que mantenham sempre acesa a Luz que um dia encontraram. «Não é a luz que falta ao nosso olhar; o nosso olhar é que foge à Luz.» Eis uma força vinda destes «Convivas». Grandes testemunhos!

NINHOS — Passarinhos e suas conseqüências. Chegada esta época é vê-los entusiasmados à procura de ninhos. Eles e os passarinhos fazem parte dum ambiente que a Primavera traz. Em cada mão ou em cada bolso ou em cada gaiola, um passarinho que eles tentam criar. Este ano ainda não tinha havido desastres por via deles subirem às árvores. Mas hoje não se ganhou para susto: Foi um que subiu à árvore e caiu. Foi ao



Movimento Esperança e Vida

VIÚVAS

2 As coordenadoras do M. E. V. na Diocese do Porto estão plenamente conscientes de que não se pode dividir a pessoa humana em compartimentos: há que atingir a pessoa toda. Portanto, a sua ajuda às Irmãs viúvas tem de ser espiritual, afectiva, psicológica e social. Assim, precisam de várias formas de actuação.

No campo social, não tardam a abrir uma dependência na cidade Invicta, destinada a prestar esclarecimento ou dar a mão a Viúvas carenciadas de apoio em vários domínios, inclusive na Segurança Social, dentro dos limites e capacidades. Contam com o apoio de outros organismos, entre estes a Comissão da Condição Feminina, organismo oficial de informação, integrado na Presidência do Conselho de Ministros (Rua do Dr. Magalhães Lemos, 109, 4000 Porto, e Av. de Elias Garcia, 12-1., 1000 Lisboa).

Mas não ficam só por aqui! A doação da equipa e o trabalho do M. E. V. vão mais longe: querem ser intérpretes das justas aspirações das Viúvas — como fazem outras organizações — junto do Terreiro do Paço e mais terreiros de Portugal; testemunhas que são da angústia, da injustiça que sofrem, na carne e no espírito, muitas Viúvas e muitos Órfãos.

— Há delas que esperam meses pelo deferimento da pensão de sobrevivência. Não está certo!

E, do lado, concluem:

— A Providência deve ser providente. Deve prover na altura própria...

Um desfiar!

— Quantas Viúvas não sabem ler nem escrever, sem prática de burocracias...?!

— Os maridos é que costumavam tratar de tudo... E, de um momento para o outro, no meio da natural angústia da sua condição

de vida, vêm-se embaraçadas, bloqueadas, exploradas... injustamente!

Debruçados sobre uma área bucólica do Porto, o encontro de escassas duas horas com quatro Mulheres fortes da Sagrada Escritura, cresce de entusiasmo; assim a modos de quem pausa em paraquedas numa primitiva comunidade cristã.

Trocámos impressões mais concretas sobre a orgânica do M. E. V., «Movimento católico de apostolado laical, constituído e dirigido por mulheres viúvas que, tendo alcançado certo equilíbrio humano e cristão dentro do seu estado de viuvez, pretendem dar apoio às suas irmãs atingidas pela mesma provação, sobretudo às de viuvez mais recente».

«O M. E. V. não pretende vincular, com carácter associativo, as pessoas a que se destina. Será normalmente um «lugar de passagem», e enquanto ajuda a encontrar resposta aos problemas das mulheres viúvas. No entanto, continuará a pertencer ao Movimento toda a mulher viúva que, reencontrado ou atingido o seu equilíbrio, pretende servir, com espírito militante, os objectivos do mesmo.»

— Objectivos do M. E. V.?

— «Ajudar as Viúvas a:

* Sair do seu isolamento: encontrar ou reforçar o necessário equilíbrio humano e espiritual normalmente abalado pela viuvez, mediante o seu envolvimento numa atmosfera de sã e profunda espiritualidade; descobrir o apelo divino contido na provação da viuvez e responder-lhe generosamente; sair do seu isolamento, solidão e desânimo em que, por força das circunstâncias, por vezes se encontra, para viver mais para os Outros.

* Estudar os seus novos problemas de vida trazidos pela viuvez, para melhor os poder en-

Cont. na QUARTA página

hospital, mas não tinha nada. Foi só o susto. «Já tinha passarinhos» — diz o Alberto. Naturalmente que ele lá voltará antes que as aves se espantem.

O que seriam as Casas do Gaiato sem os ninhos, sem os grilos e outras coisas que eles buscam na Natureza? Já tem havido lutas por via dum que vai colher o ninho que outro descobrirá primeiro. Oh! desordem que tanto nos ensina!

FESTAS — Elas são o descobrir de muita vida cá em Casa. Os ensaiadores ensinam e, com o gosto de todos, têm-se feito coisas que vão entusiasmar os corações de muita gente amiga. Este ano foi assim, os outros também. É a confraternização. É a comunhão dos obreiros de fora e dos de dentro. As Festas são mensagem para uns e outros. Ele há gente que não troca a Festa dos gaiatos por outra, por muito boa que seja. Não admira: Cada um deles é uma vida real figurada nos palcos. É por isto que as plateias vibram de lágrimas nos olhos. São eles mensageiros da Esperança. São eles, antes «lixo» das ruas, que hoje fazem acordar corações sedentos dessa esperança.

O sumo do programa foi a defesa das vítimas de tanta Maria de ninguém que dão à luz flores que murcham com o desenrolar do tempo, e se tornam outras prostitutas, outras escórias da sociedade.

«Que grande mensagem, que grande Verdade vocês nos trouxeram» — dizia-me uma pessoa da plateia. Outros comentaram com outras frases e nós congratulamo-nos por via

dos nossos que dantes andavam por lá, serem hoje apóstolos e buscarem Verdade e Justiça para aqueles que a não têm.

Obrigado ao Senhor por tudo, até por a sempre disponibilidade do senhor «Jota» que, já há anos, está sempre ao nosso dispor para acompanhar as danças com o seu acordeão.

O NOSSO BISPO — Hoje tivemos uma surpresa. Sem ninguém saber, sem dizer nada a ninguém, o nosso Bispo apresentou-se em nossa Casa para celebrar e comungar connosco. Ele sabe onde está a fonte e por isso veio desceder-se e trazer-nos também do seu entusiasmo, da sua alegria e simplicidade. Falou-nos da Família que somos, por via da inspiração de Pai Américo. Veio beber de cada um dos nossos, para ir matar a sede doutras ovelhas que são da sua guarda.

O nosso Bispo quer conhecer-nos e nós queremos conhecer o nosso Pastor. Como ele, também nós desejamos seguir o trilho da Família de Nazaré. Bem haja o nosso Bispo pela sua presença e pelo seu entusiasmo que nos quer comunicar.

INAUGURAÇÃO — Andamos muito atarefados com os acabamentos da casa um. Como celebramos as «bodas de prata» do nascimento da nossa Casa no próximo dia 1 de Julho, queremos festejá-las com esta inauguração. Para que isto seja possível, não temos tido horário de trabalho. Precisamos muito desta zona pronta, para começar noutra. Preci-

samos de aconchego para os rapazes. Queremos dar-lhes o que eles antes não tiveram.

Temos oito quartos e duas salas grandes de convívio para mobilar e decorar. Precisamos de incutir neles o gosto, para fazer esquecer o que dantes tinham.

Quando da Festa no Luisa Todt, veio-me aos ouvidos um zum-zum por via da televisão a cores. Nós ficamos à espera da última palavra deste casal amigo. Também lembramos que numa das salas dizia bem um ou dois jogos de matraquilhos (bonecos). Outros jogos próprios, para rapazes inquietos, são precisos. O mundo deles, os seus sonhos! Esperamos por ti para a celebração das nossas «bodas de prata». Aos nossos rapazes que labutam em qualquer parte, fazemos um convite especial. A vossa presença é como que um doce de que muito gostamos. Esperamos por todos. Queremos que a nossa sala de jantar fique repleta. Não esqueçam: dia 1 de Julho.

Ernesto Pinto

PEDIDO — A época balnear está a começar. A nossa piscina já se encontra em funcionamento.

Ontem, uma das nossas senhoras desabafou com o Rodrigues: — «Não temos calções de banho...!»

Por isso, pedimos aos nossos leitores a favor de nos oferecerem alguns. Caso tenham um ou outro esquecido nos gavetões, e não façam falta, melhor.

Muito obrigado.

Fausto Manuel

RETALHOS DE VIDA

O «TOZÉ»



Chamo-me António José Alves Almeida, mais conhecido por «Tozé». Sou natural de Espinho, onde nasci no dia 24 de Março de 1966. Tenho mais um irmão e duas irmãs, todos mais novos do que eu.

Desde que minha mãe faleceu, criados pela minha avó, a nossa vida foi um fracasso!

Como era o mais velho, escolheram-me para ir com o meu tio para França. Lá fiquei cinco anos. Três anos depois, soube que minha avó tinha morrido. Vim para Portugal, pensando que o meu pai me iria perfolhar; mas já supunha que a minha madrinha não concordaria, pois não me podia ter lá em casa. Trouxe-me para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa. No meu primeiro contacto com a Obra fiquei triste, quando ela foi embora. Mas, depois, tudo se foi atenuando e, agora, estou muito contente.

O primeiro trabalho que realizei na Casa do Gaiato foi de padiola, a acarretar saibro. Actualmente estou no grupo da «lenha». Sou vendedor do famoso jornal O GAIATO, no Porto. Frequento a 4.ª classe da Instrução Primária. E, quando for maior, gostaria de ser tipógrafo. Para mim é uma boa profissão.

Um abraço para os nossos leitores.

«Tozé»

A venda do Jornal

● Se às vezes nos traz dis-sabores e é sempre um risco a que os nossos Rapazes estão sujeitos, a venda é também oportunidade de comprovarmos a amizade consciente de muitos que se cruzam com os nossos.

Assim foi no domingo. Cerca da 7,30 h da tarde, um telefonema. Alguém viu à porta dos Carmelitas um rapazito de camisola verde a vender O GAIATO e sem a respectiva pasta. Estranhou; abordou o pequeno; e preveniu. Afinal era o Amorim, um dos nossos «poetas», que, tendo poucos jornais para a tarde, decidiu prescindir da pasta e do pente que deveria ter usado antes de sair e saiu assim mesmo. Na hora do telefonema, que era a marcada para voltar a Casa, já ele estava, de facto, a suar por todos os poros, após voo, não sei como tão rápido, do Carmo à Rua D. João IV.

Com olhos assim tão amorosamente vigilantes, diminuiriam muito os perigos da venda. Não houve deles nessa tarde no Palácio, onde um outro de que não digo o nome (dada a promessa de não tornar) passou em beleza... nos carrinhos e nos aviões!

● Outra nota, muitas vezes ingénua e arriscada, é a confiança depositada nos Rapazes.

Neste mesmo domingo, à

porta da Igreja das Antas, alguém põe nas mãos do Shéu, um dos mais pequeninos vendedores, um cheque de cinco contos, ao portador. Já não se fala em qualquer tentação que, em matéria de cheque, até a não teria... Mas se o perdesse?... Quem quer que o achasse o poderia receber... E não se julgue que perdas destas são inéditas! Ainda nesta venda aconteceu, sem malícia, estou convicto, mas por menos cuidado, aliás compreensível em gente miúda como é a maioria dos nossos vendedores. E até já sucedeu — uma vez, que eu saiba — que um novo recruta, tendo recebido o cheque e não vendo nele qualquer recado nem achado interesse algum ao pequenino e desconhecido rectângulo de papel, o deitou fora!

E não é só no Porto que isto se dá! P.e Luiz contou que, há tempos, em Lisboa, uma Senhora entregou ao vendedor um embrulhito que era um tubo largo de comprimidos, sem nada lhe dizer do que continha. Foi-se a desembulhar — e o que era?... Várias peças de ouro que valiam dezenas de contos!

Confiança amorosa, sim, mas muito audaciosa.

Não podemos esquecer o aviso evangélico do «simples como pombas; prudentes como serpentes»!

Padre Carlos

Escolaridade obrigatória

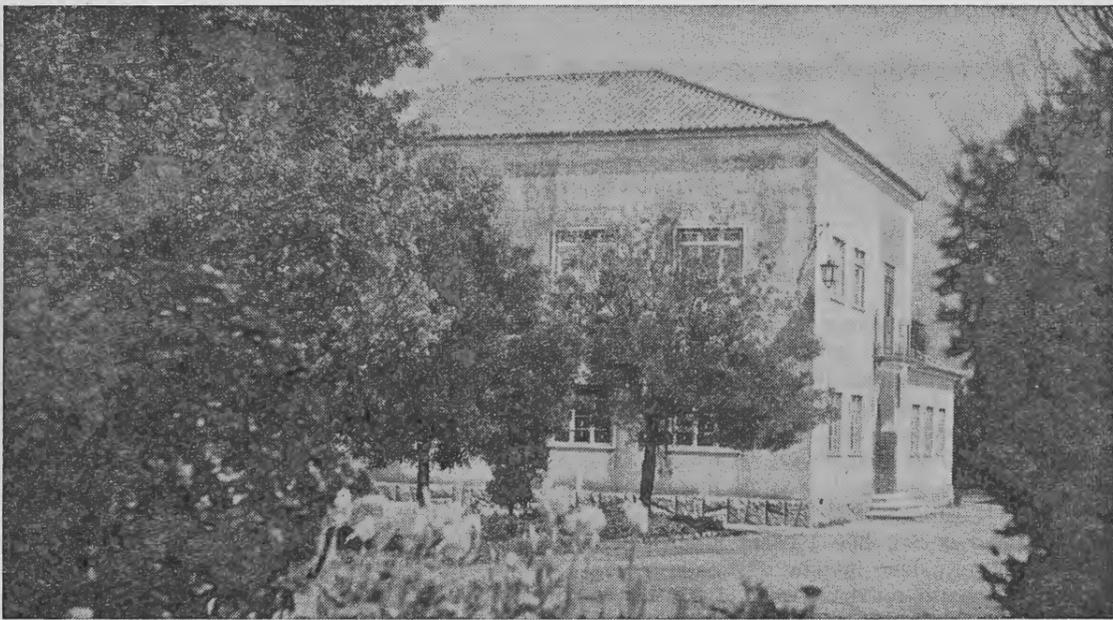
Não é costume fazermos-nos eco de notícias que, em serviço de rotina, são distribuídas por Serviços Públicos aos jornais, com pedido de publicação ou referência. Esta, porém, é diferente. Trata-se da Escola; de sensibilizar porção ainda numerosa do nosso Povo para a importância indiscutível da Escola na preparação para a vida das nossas crianças e jovens e, conseqüentemente, do futuro da Nação portuguesa.

Embora tão maltratada ande a Instituição Escolar a todos os níveis, a culpa não é dela mas dos que, por intenção ou inépcia, baralham, confundem, ensaiam a esmo como se operassem com cobaias... multiplicando vítimas entre a população escolar. Isto pode ensombrar, mas não desfaz o papel insubstituível da Escola.

A escolaridade obrigatória, hoje, é de 6 anos. Infelizmente, ao fim deles fica-se menos habilitado do que com os antigos 4 anos, que foram ainda o projecto mais geral para a geração dos pais que agora têm filhos na Primária e Ciclo Preparatório. Menos habilitados em acto, seria o menos, para aqueles que prosseguem estudos... Até para os que, não os prosseguindo, ficassem estimulados para uma instrução continuada por vias de auto-didatismo. Dramático é que a habilitação seja também inferior em potência, o que se verifica em enormes estratos da população em que a avidez de cultura é inexistente e ao ní-

vel das Escolas Secundárias, onde os alunos não exibem mais capacidade de pensar nem maior interesse de saber do que as gerações anteriores. No repetido tentar de reformas, mal começadas e nunca levadas ao fim, parece que se partiu do pressuposto de uma decadência intelectual generalizada, tal a timidez com que se propõe o esforço de raciocínio e o uso da memória. Da erudição algo cruel exigida pela Escola Primária do passado, passou-se ao exagero oposto de que os conhecimentos ficam para mais tarde e agora basta preparar as faculdades. Repito, porém, que, se é esta a estratégia, julgo que falhou, porquanto, ao contrário, as faculdades parecem mais embotadas, talvez, justamente, pela falta de exercício, a que foram erradamente poupadas na idade mais maleável da inteligência e mais permeável da memória.

Perante isto, que verifico e desabafo, parece contradição propor-me aqui relevar a Escola... É que, melhor ou pior, para a maioria das pessoas, não há processo de ser instruída mínimamente senão mediante esta Instituição, em si mesma venerável. E, mesmo deficiente na formação das faculdades e na informação do conhecimento, resta-lhe ainda o aspecto burocrático de condição sine qua non para o acesso a quaisquer actividades nacionalizadas ou privadas, para a participação em competições oficiais desportivas,



As escolas e o salão de festas da Casa do Gaiato de Lisboa, em Santo António do Tojal (Loures)

Cont. da 1.ª página

cação. Nas nossas Casas há experiência, infelizmente, das conseqüências nefastas e dolorosas do processo. Urge pôr cobro a tal tipo de violência, porque falar de direitos da criança não pode ser atitude meramente especulativa ou académica. Venham, pois, as tais apregoadas equipas móveis.

Não podemos, contudo, pedir ao Estado que tudo resolva ou atenda. O tema abordado,

bem como o exercício de funções directivas em associações ou clubes desportivos, recreativos ou culturais, e não poderão obter carta de condução.

Transcrevo da literatura recebida estes argumentos que

AQUI LISBOA!

como outros, aliás, passa por uma recta educação cívica. Ajudar quem precisa e repartir mesmo do que nos faz falta, com os mais carecidos, é de desejar e altamente louvável. Não podemos, todavia, prescindir da inteligência e agir-mos apenas pelo sentimento. Se conhecemos alguém em situação social crítica, seja de que tipo for, será bom que va-

mos ao seu encontro, directa ou indirectamente, com a delicadeza e discreção indispensáveis que devem sempre presidir a todos os nossos auxílios a outrém. Se não conhecemos, talvez haja no âmbito das nossas relações alguém que saiba onde tal seja conveniente ou necessário. Teremos ainda outras hipóteses, feitas de bom senso e de cariz prático, como, por exemplo, a de entregar a instituições idóneas o produto das nossas renúncias ou da nossa vontade de partilhar.

O caso apontado acima é suficientemente elucidativo. Vamos, pois, Amigos, a tentar fazer o Bem bem feito, em vez de contribuirmos para a ruína e mal dos outros.

● Chega-nos de mãos anónimas um donativo com os seguintes dizeres: «Para os gaiatos, um salário do meu filho. E que Deus me ajude a fazer dos meus filhos homens de Bem». Aqui se regista o facto pelo seu alto significado, que só dum coração de Mãe poderia ter partido. Com ele queremos homenagear de maneira singela as Mães, sacrificadas e solícitas, que tudo fazem e tudo dão para tornar seus filhos «homens de Bem». Oh sublime missão! O obrigado dum filho, no dia exacto dos anos de sua Mãe.

Padre Carlos

Padre Luiz

Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Movimento Esperança e Vida

VIÚVAS

Cont. da TERCEIRA página

carar: desequilíbrio afectivo, educação dos filhos, orientação da própria casa, relações com a família, trabalho profissional, reintegração na sociedade, etc.

* **Descobrir o sentido da sua provação:** viuvez conscientemente aceite; escolha de algum estado de consagração, possibilidades de novo matrimónio; descobrir à luz da Fé o seu lugar no mundo e na Igreja e a nova missão do seu lar, tornando-se válida e útil para o serviço de Deus e do Próximo, uma vez que o M. E. V. é fundamentalmente um lugar de passagem e de readaptação.

Não faz parte da missão do M. E. V. assegurar o apoio material às Viúvas, mas sim ter em mente a preocupação de as orientar e ajudar a procurar auxílio junto das instituições existentes (Misericórdias, I. F. A. S., Caixas de Previdência, Caixa Nacional de Pensões, Caixa Nacional de Previdência-Montepio dos Servidores do Estado, etc...)

P. S. — Uma senhora viúva, d'algures, escreve a seguinte carta:

«Casualmente soube que em 25/6/79 saiu legislação que dá oportunidade a Viúvas de funcionários públicos se habilitarem à pensão de sobrevivência, caso não o tenham feito na

devida altura, por ignorância, má informação ou até descuido.

O meu caso: meu marido faleceu há 21 anos. Nos serviços a que pertencia, informaram-me que não tinha direito a nada.

Na altura fiquei com dois filhos — dois anos e três meses; que hoje sei, eles e eu tínhamos direito a receber uma pensão. Os filhos até à maioridade.

É de lamentar não haver um departamento do Estado que, em caso de falecimento do cônjuge, tratasse de tudo relacionado com pensões ou subsídios. Infelizmente isso não acontece.

Há tanta gente para quem a burocracia dos papéis aflige e até assusta!»

De um modo geral, é pertinente a queixa formulada, da qual temos sido, várias vezes, intérprete. Não falando já no prazo que a lei prevê, agora sublinhado pelo Montepio dos Servidores do Estado: «O prazo para deduzir a habilitação termina em 31 de Dezembro de 1980». Mas sem a justa divulgação nos meios de comunicação social!

Dispensamos mais comentários.

Haja no Alto quem bote os olhos cá para Baixo, procurando ir de encontro às dificuldades apontadas.

Júlio Mendes

Tiragem: 40.000 exemplares